

A PENA E O TIPO: GERVÁSIO LOBATO E A IMPrensa PORTUGUESA

THE QUILL-PEN AND THE TYPE: GERVÁSIO LOBATO AND THE PORTUGUESE PRESS

CLAUDIA BARBIERI MASSERAN*

RESUMO: O presente artigo versa sobre um dos grandes vultos do jornalismo oitocentista finissecular português: um cronista, folhetinista, ensaísta, diretor literário e redator-chefe. Versa ainda sobre um alegre romancista e um dos comediógrafos de maior sucesso do seu tempo. Trata este texto de Gervásio Lobato (1850-1895) e de seu ofício de escritor.

PALAVRAS-CHAVE: Gervásio Lobato, imprensa portuguesa, folhetim.

ABSTRACT: This article presents one of the great figures of nineteenth-century Portuguese journalism: a chronicler, pamphleteer, essayist, literary director and editor-in-chief. The text is also about a cheerful novelist and one of the most successful comedy authors of his time. Speak these lines about Gervásio Lobato (1850-1895) and his writing profession.

KEYWORDS: Gervásio Lobato, Portuguese press, newspaper serials.

* Professora adjunta de Literatura Portuguesa no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (ICHS/UFRRJ).

A imprensa portuguesa no século XIX

E depois, menino, a literatura leva a tudo em Portugal. [...] Pois, amigo, de folhetim em folhetim, se chega a S. Bento! A pena agora, como a espada outrora, edifica reinos... Pense você nisto!
Eça de Queiroz, A ilustre casa de Ramirez

Este foi o estratégico conselho que a personagem José Lúcio Castanheiro recomendava para Gonçalo Mendes Ramires, logo no início do romance *A ilustre casa de Ramires* (1979a, p.1186), de Eça de Queiroz (1845-1900). De fato, enfatiza Rui Ramos, no texto “A nação intelectual”, que “quem escrevia não se podia dispensar de o fazer nos jornais. O mundo dos livros era apenas um anexo do mundo da imprensa, que era quem dava os pés ao império dos escritores. Para o escritor, a imprensa era, em primeiro lugar, a possibilidade de viver da pena” (RAMOS, 1994, p. 47), e consolidar o nome no jornal “era então uma boa recomendação para obter protecções e cargos” (ibid., p. 44).

Ao longo de todo o século XIX, o número de jornais em circulação em Portugal cresceu vertiginosamente. É certo que muitos teriam vida efêmera, por vezes não completando os seis meses de existência, contudo, a prática da leitura periodística e a massificação da imprensa tornaram-se realidade. No final do século a imprensa alvorava-se como “o quinto poder”, não sendo demais recordar que o quarto era o próprio rei. Partidos políticos eram formados e apadrinhavam os títulos impressos, reputações podiam ser exaltadas ou arruinadas, escritores obtinham consagração, a opinião pública agigantava-se, as vaidades sociais eram narcisicamente acariciadas.

Os jornais eram cada vez mais uma referência quotidiana, como se pode deduzir do aumento do número de anúncios introduzidos no *Diário de Notícias*: 14.402 no ano de 1865, 178.078 em 1885 e 182.428 em 1889. A tiragem média diária passara de 7.300 exemplares para 26.000, tendo-se em 1890 começado a usar uma máquina rotativa *Marinoni*, que podia imprimir por hora 15.000 exemplares. (RAMOS, 1994, p. 49)

Das folhas políticas aos títulos especializados, dos almanaques às revistas de entretenimento, dos jornais diários aos que possuíam publicação bimestral, semestral, todos, sem exceção, buscavam cativar os leitores e aumentar progressivamente o número dos assinantes. Para tanto, era preciso inovar, contar com os autores mais expressivos, possuir as melhores seções, as crônicas interessantes e os folhetins ansiosamente aguardados. As gravuras e ilustrações, por sua vez, tornam-se importantes pelo apelo visual que produziam, sendo elaboradas com uma riqueza de detalhes impressionante, tornando-se cada vez mais frequentes e abundantes. Alguns ilustradores, gravadores e caricaturistas fizeram carreira longa e eram disputados pelos jornais como Domingos Cazellas, Caetano Alberto da Silva, Enrique Casanova, Celso Hermínio de Freitas Carneiro, Raphael Bordalo Pinheiro, Manuel de Macedo e João Ribeiro Christino da Silva. Certos títulos possuíam ilustrações coloridas que vinham estampadas em papéis especiais.

O *Diário de Notícias* instituiu brindes exclusivos para os assinantes, como contos e pequenas novelas; *O Contemporâneo* promovia uma coleção com os retratos fotográficos dos artistas dramáticos e líricos; *O Correio da Manhã* possuía Suplementos Literários especiais; *O Século*, o jornal mais representativo no século XIX, fundado por Sebastião Magalhães Lima em 1880, criou concursos variados e concedia bolsas de estudos.

Entretanto, apesar de todas estas inovações, o formato dos jornais não sofria grandes alterações:

Todavia, a imprensa de 1890 seguia ainda o modelo de 1870: quatro páginas, duas de textos e duas de anúncios. O jornal tinha um editorial, noticiário e um folhetim no rodapé da primeira página. O folhetim podia ser um romance serializado, geralmente do gênero rocambolesco ou sentimental. Às vezes alternava com uma crônica, gênero de literatura leve, ou ensaios. Também havia ensaios nas colunas – inevitavelmente sobre economia e finanças, ensino, política. (RAMOS, 1994, p. 50)

Mas, se as formatações mantinham-se com poucas alterações, o mesmo não se pode dizer do adensamento dos textos. Apenas para exemplificar, “o número médio de letras por número do *Diário de Notícias* subira de 40.000 em 1865 para 260.000 em 1885” (ibid., p. 53), fato este que proporcionava efetivamente maior tempo corrido para a leitura completa do jornal.

O entendimento da função e da responsabilidade social do jornalismo pode ser observado em um interessante artigo do jovem escritor Eça de Queiroz, quando da sua estreia no *Distrito de Évora*, datado de 6 de janeiro de 1867:

É o grande dever do jornalismo fazer conhecer o estado das coisas públicas, ensinar ao povo os seus direitos e as garantias da sua segurança, estar atento às atitudes que toma a política estrangeira, protestar com justa violência contra os actos culposos, frouxos, nocivos, velar pelo poder interior da pátria, pela grandeza moral, intelectual e material em presença das outras nações, pelo progresso que fazem os espíritos, pela conservação da justiça, pelo respeito do direito, da família, do trabalho, pelo melhoramento das classes infelizes. (QUEIROZ, s/d, p. 9 et seq.)

Sem descuidarmos do tom, por vezes ingênuo e sonhador do escritor, devemos notar a concepção do caráter pedagógico do jornalismo, do seu papel instrutivo, cívico e mobilizador. Os afamados membros da chamada “Geração de 70” concebiam que os princípios que deveriam regular todas as práticas sociais eram regidos pela verdade e pela justiça. A arte tinha por dever tentar alterar a realidade circundante e o primeiro passo neste processo era, sem dúvida, a conscientização das massas. A imprensa possuía a responsabilidade de prestar um serviço público, pois desempenhava diversos papéis: fiscalizava, denunciava e intervia na defesa dos interesses sociais. Sua função estava longe de ser apenas informativa e passiva:

A actividade do jornalismo nunca deve abrandar, a sua consciência deve ter sempre o mesmo vigor, a sua pena o mesmo colorido, o seu sentimento moral a mesma justa intensidade. [...] O jornalismo ensina, professa, alumia sobretudo; é ele o grande construtor do futuro; não é só o facto de hoje que o prende – isso é o menos – é o facto que o futuro contém: ele vai das relações presentes às relações futuras e mostra a revolução lenta, serena, imensa, pela qual a humanidade transforma e refaz o seu destino no sentido da justiça. (ibid.)

É verdade que entre a idealização e a prática existia um longo caminho a ser palmilhado e nem todos os jornais compartilhavam de tão augustos pensamentos. A possibilidade de lucros rápidos e vultosos possibilitou a surgimento de

outra sorte de imprensa: as folhas de fofocas, pilhérias e escândalos; as críticas adulatoras e vazias; os artigos perniciosos e difamadores.

Quase trinta anos mais tarde, na correspondência para a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, sob o título genérico de “Ecos de Paris”, Eça faria algumas acusações sobre este ponto:¹

Em média, porém, afoitamente se pode afirmar que na Europa e na América a Imprensa é superficial, linguareira e sectária. Incontestavelmente foi a Imprensa, com a sua maneira superficial e leviana de tudo julgar e decidir, que mais concorreu para dar ao nosso tempo o funesto e já radicado hábito dos juízos ligeiros. [...] E quem nos tem enraizado estes hábitos levianos? O jornal, que oferece cada manhã, desde a crônica até aos anúncios, uma massa espumante de juízos ligeiros, improvisados na véspera, das onze à meia-noite, entre o silvar do gás e o fervilhar das chalaças, por excelentes rapazes que entram à pressa na redacção, agarram uma tira de papel, e, sem tirar mesmo o chapéu, decidem com dois rabiscos da pena, indiferentemente, sobre uma crise do Estado, ou sobre o mérito de um *vaudeville* (QUEIROZ, 1979, p. 1203-1204).

Apesar de a descrição queiroziana ser pouco enaltecedora acerca das redações, tais espaços construíram paulatinamente uma aura enigmática no imaginário popular, a respeito do palpitante mundo jornalístico. As redações tornaram-se disputadas, promovendo conhecimentos e amizades; os “escritores públicos”, outro modo de se referir aos jornalistas, tornaram certos espaços lisboetas verdadeiros pontos de encontro e convívio, como o café Martinho, localizado no largo atrás do Teatro D. Maria II, por exemplo.

Uma das personagens queirozianas mais sonhadoras, o jovem Artur Corvelo, do romance *A Capital! (começos duma carreira)*, também almejava para si o prestígio jornalístico. Provinciano, imaginava que a vida lisboeta deveria ser fervilhante e elegante:

Mas nesta fantasmagoria, entusiasmava-o sobretudo, o mundo dos jornalistas: era um ruído incessante de máquinas de imprensa; salas resplandcentes de redações; penas que correm sobre o papel derrubando ministérios e edificando glórias... – E

1 Os artigos foram publicados nos dias 26, 27 e 28 de abril de 1894.

via-se lá, revendo provas, lendo o seu nome em cada jornal, fazendo civilização!
(QUEIROZ, 1992, p. 148)

Naquele tempo, certo nome iria se destacar nas letras redondas da capital. Não por vaidade, mas por ofício e reconhecimento. Conheçamos um pouco a trajetória do nosso escritor Gervásio Lobato.

O percurso de um autor

Entre as obras dedicadas à historiografia da literatura portuguesa produzida ao longo do século XIX, há um consenso na valorização de certos nomes e períodos em detrimento de outros. A pujança literária de autores canônicos como Camilo Castelo Branco (1825-1890) ou Eça de Queiroz eclipsou toda uma geração de romancistas e dramaturgos coevos, que ainda hoje jaz esquecida e marginalizada por parte da crítica literária. Breves estudos biobibliográficos, pontuais, encontram-se dispersos em livros, teses ou periódicos portugueses e constituem fontes preciosas para aqueles que anseiam por informações acerca de outros escritores como o já mencionado Gervásio ou Abel Botelho (1854-1917) e Teixeira de Queirós (1848-1919), por exemplo. João Gaspar Simões, no prefácio da *Perspectiva da literatura portuguesa do século XIX*, comenta este estranho tratamento dado a alguns nomes:

Espada de dois gumes, esta obra, ao mesmo tempo que julga um século em que cabem, lado a lado, um Antero e um Bulhão Pato, um Oliveira Martins e um Alberto Pimentel, um Eça de Queiroz e um Júlio Lourenço Pinto, um Ramalho Ortigão e um Gervásio Lobato, um Guerra Junqueiro e um José Duro, permitindo que o louvor incondicional vizinhe a censura fundamentada, põe a nu a glória de uma época que para sempre ficará acorrentada ao valor dos juízos que assim ousou proferir.
(SIMÕES, 1948, p. 11)

O presente artigo contempla um desses personagens praticamente ausentes das histórias da literatura e do teatro portugueses. A prioridade dada a seu nome requer, portanto, algumas explicações. Um dos motivos que levaram à redação deste texto foi ter sido Gervásio Lobato um dos jornalistas, dramaturgos

e romancistas mais profícuos do mundo intelectual lisboeta da segunda metade do século XIX. O outro foi que, ao condenar seu nome ao esquecimento, os estudos “clássicos” sobre a literatura e o teatro portugueses se incumbiram de legitimar uma leitura lacunar deste passado relembando apenas algumas de suas histórias, certos autores e suas obras. No caso específico de Gervásio Lobato, essa memória associou seu nome à sua atividade de romancista, ao passo que sua dramaturgia e sua produção como crítico teatral não receberam o tratamento que merecem. Aproveitaremos, contudo, a apresentação do escritor na obra *Cinco autores, uma época*, texto cuja autoria infelizmente não é nomeada:

Dono de uma imaginação delirante e humorista dotado, especialista da comédia de costumes, Gervásio Lobato pertenceu a uma geração literária em que o teatro nacional conheceu certo brilho, e foi principalmente no gênero dramático que se evidenciou, não obstante o enorme êxito alcançado pelos seus bem-humorados romances.

Irônico e mordaz, ele é o caricaturista talentoso da pequena e média burguesias lisboetas dos finais do século XIX, cujos ridículos sublinha sem no entanto pretender emendá-los. Os seus dotes de observador e comentador de costumes, aliados a um grande virtuosismo no atar e desatar de intrigas e à sua perícia técnica de construtor dramático, fizeram de muitas das suas peças êxitos retumbantes, ainda hoje vivos na memória de um público já idoso. Foram, contudo, os seus romances satíricos, de crítica social e de costumes, que fizeram a sua popularidade entre um público que esgotou numerosas edições (PROMOCLUBE, 1982, p. 37 et seq.).

Gervásio Jorge Gonçalves Lobato, nascido em 23 de abril de 1850, adotou rapidamente na imprensa a versão reduzida do próprio nome. Para os mais íntimos, era simplesmente “o Gervásio”. Abraçou desde jovem a profissão de jornalista: na travessa da Horta da Cera, onde residia, criou a folha *Frutos Acadêmicos*, enquanto um amigo seu, Ruy Portocarrero, fundara o *Clamor Acadêmico*. Da força, união e simbiose destes dois rapazes, nasceu a *Voz Acadêmica*. Outros nomes foram convidados para se juntar à redação: Augusto Alexandrino do Carmo, então com dezesseis anos, Luciano Cordeiro, Rodrigo Pequito, Custódio Veloso, Serrão de Faria e Alves Crespo. Tinha Gervásio apenas quinze anos.

Com o fito de ingressar na diplomacia, logo após formar-se em Letras, cursou a cadeira de Direito Internacional. Contudo, a vocação literária - e, sobretudo a

dramática - conduziu-o a um futuro bem diverso, lastreado solidamente por seus escritos na imprensa. Aos dezoito anos era correspondente do periódico *Braz Tizana* do Porto, cujo título tributava da alcunha de seu fundador, o renomado folhetinista José de Sousa Bandeira, conhecido por muitos devido aos seus escritos repletos de chiste e pilhéria.

Em 1871, juntamente com Teixeira de Vasconcelos (1816-1878), fundou o *Jornal da Noite*. Os folhetins, por ele aí publicados, motivariam Manuel Pinheiro Chagas (1842-1895) a fazer-lhe um convite:

Quando eu fundei o *Diário da Manhã*, procurei entre o grupo de rapazes, que faziam as suas primeiras armas em literatura, um que me pudesse coadjuvar na árdua tarefa que ia empreender. Lera uns folhetins soltos que Gervásio Lobato publicara no *Jornal da Noite*, no *País*, em outros periódicos de Lisboa. Revelavam qualidades de estilista notáveis, mostravam sobretudo uma índole literária extremamente progressiva. Lembrei-me de o escolher. [...] No dia 30 de junho de 1875 estávamos sentados ao lado um do outro a uma banca de redação, empenhados na ímproba tarefa de fazer sair um primeiro número de jornal. Não me enganara nas minhas previsões. A colaboração de Gervásio Lobato foi-me utilíssima. (CHAGAS, 1911, p. V)

Pinheiro Chagas elogiava a capacidade de Gervásio ao escrever uma notícia, pois imprimia-lhe “a forma da *nouvelle à la main* ou *do fait divers*” franceses, novidade que agradou imensamente os leitores. Sabia “impressionar o público única e simplesmente com a relação dos fatos, mas vistos por ele com a perspicácia de um analista, contados com a intuição dramática de um artista” (ibid., p. VII-VIII).

Nas páginas do *Diário da Manhã*, sob o pseudônimo de Gilberto, Gervásio publicou uma série de folhetins quinzenais, albergados pelo título “Vida em Lisboa” e reunidos posteriormente no volume *A comédia de Lisboa*, editado em 1878. Segundo Pinheiro Chagas, a aparição desses textos foi um acontecimento nas letras portuguesas, uma vez que “a sua individualidade literária, outrora hesitante e como que tropeçando a cada instante nas roupagens dum estilo demasiadamente palavroso, afirmava-se de súbito radiosa e original” (CHAGAS, 1911, p. VIII). Asseverava não apenas que “Lisboa tinha mais um grande folhetinista” como:

Cada uma das gerações, filha, neta e bisneta do movimento romântico em Portugal teve o seu folhetinista que a representou. Lopes de Mendonça foi o folhetinista da primeira, Júlio César Machado o da segunda, Gervásio Lobato é o folhetinista da imediata. Cada um tem sido, pelo feitio do seu talento, o representante completo da camada literária a que pertenceu: Lopes de Mendonça foi a fantasia, Júlio César Machado o espírito, Gervásio Lobato é a observação. (ibid., p. IX)

O autor pertencia à mesma geração de escritores que buscou estabelecer um diálogo com a sociedade coeva, ao mesmo tempo em que criticava, pelo humor, as suas atitudes e comportamentos sociais e políticos. Nos folhetins o cotidiano lisboeta é fonte constante de inspiração: as temporadas teatrais, os relacionamentos amorosos, as festas populares, como o entrudo, as touradas e as procissões, as paisagens citadinas, a dissolução das câmaras, as nomeações ministeriais, as *soirées* e os bailes, o comércio, os vendedores ambulantes, os crimes. Tudo que o cercava servia de pretexto para a escrita folhetinesca: O autor escreveria que “o romance, o drama, a comédia estão cá fora, sentam-se nos camarotes, passeiam nos corredores, agitam-se por detrás do pano, complicam-se nos tribunais, amadurecem nas cadeias”. Assim, buscava os seus assuntos nas ruas, na simples observação das pessoas vivendo as suas vidas. Escreveria ainda que “era mais interessante conversar do que ver peças: nos entreatos é que está[va] a comédia e o drama” (LOBATO, 1890, p. 81).

A preferência por assuntos do dia-a-dia, aparentemente despretensiosos, servia para encurtar a distância entre autor e espectador, estabelecendo entre eles uma relação dialógica. Dentre os assuntos abordados, alguns chamam a atenção por tratar temas diretamente ligados à política, ao casamento, sendo significativa a forma como eles dialogavam com o cotidiano politizado da cidade, abrindo espaço para as mazelas vivenciadas pela população tais como a exploração dos criados e o preconceito contra os habitantes das províncias.

A relação dos jornais e revistas para os quais escreveu, ao longo da sua vida, avolumou-se com o passar dos anos: *Diário de Notícias*, *Santo António de Lisboa*, *Crônica Moderna*, *Correio da Noite*, *Pan*, *Moda Ilustrada*, *Gazeta de Portugal*, *Gazeta Literária*, *Paiz*, *Jornal do Domingo*, *Diário Popular*, *Folha Nova*, *Lucta*, *Recreio*, *Jornal da Noite*, *Progresso*, *Diário Ilustrado*, *Fígaro*, *Revolução de Setembro*, *O Século*, *O Contemporâneo*, *O Pimpão*, *O Occidente*, entre outros. Pe-

las páginas dos jornais publicou crônicas, ensaios, biografias, artigos de história, romances, contos, anedotas, traduções, necrológios, memórias, críticas teatrais.

Caminhando *pari passu* com a sua produção jornalística, o autor traduzia peças e escrevia originais para diversos teatros lisboetas. A obra dramática gervasiana reúne cerca de 130 traduções ou imitações e consta com 28 peças originais sendo que, desse montante, todas foram encenadas com sucesso, não apenas nos teatros da capital, mas em todo o território português, principalmente, no Brasil. Destaque para as comédias *A condessa Heloísa* (1878), *A burguesa* (1882), *Sua Excelência* (1884), *O comissário de polícia* (1890), seu maior êxito teatral, *Em boa hora o diga* (1891) e a farsa *O festim de Balthazar*, com a qual foi agraciado pelo rei com o oficialato da Ordem de S. Tiago, em 1892.

Para os jornais e editores escreveu diversos romances e livros de crônicas, todos seriados e, portanto, estruturados por diversos capítulos breves, muitos deles em colaboração. Alguns surgiram nas páginas dos jornais como folhetins, outros foram vendidos no formato de fascículos para assinantes de casas editoriais, como a David Corazzi e, após o término da sequência, eram reunidos e publicados em volume. Como já foi mencionado *A comédia de Lisboa* (1878) reúne os folhetins escritos para o *Diário da Manhã*. Com o passar dos anos, Gervásio Lobato publicou, nos principais periódicos lisboetas, alguns romances-folhetins de sucesso. Sobre este tipo específico de formato, escreveu Ana Teresa Peixinho:

O romance-folhetim representa, sobretudo, uma adaptação da arte literária ao formato e à periodicidade do jornal: sujeito a uma lógica de publicação serial e fragmentada, ele próprio se adapta e modela em função desses vetores, inovando no recurso a novos códigos narrativos, criados em função dos horizontes de expectativas do público. Deste modo, entende-se que o folhetim tenha constituído, a partir dos meados do século XIX, um meio de alargar o público leitor ou fidelizar o já existente, projetando e publicitando os nomes consagrados ou em vias de consagração literária. (PEIXINHO, 2013, p. 199)

Da pena do escritor saíram os seguintes títulos: *A primeira confessada: crônica da actualidade*, 1881, publicado no formato de romance-folhetim no *Jornal da Noite*, entre setembro de 1879 e agosto de 1880; *Lisboa em camisa*, 1882, originalmente publicado em folhetins em duas partes – a primeira para *O Progresso*, com publicação relativamente regular às quintas-feiras entre novembro

de 1880 e março de 1881, e a segunda, para o *Fígaro*, publicada aos domingos entre fevereiro e maio de 1882 –; *Os mistérios do Porto*, 1890-1891, romance em cinco volumes publicado em fascículos; *A comédia do teatro*, 1893, romance-folhetim reunido em volume pela Livraria Editora Parceria Antonio Maria Pereira; *O grande circo*, 1893, publicado em 62 folhetins no *Século*, a partir de setembro de 1892 e depois reunido em um extenso volume, com mais de 600 páginas, pela Parceria Antonio Maria Pereira.

Em colaboração com Jayme Victor e a pedido da casa editora David Corazzi escreveria o romance “de sensação” em fascículos semanais *Os invisíveis de Lisboa* (1886-1887), reunidos em seis volumes; finalizaria, após a morte de Francisco Leite Bastos, o romance em cinco volumes *Os dramas de África: grande romance de sensação (1887-1888)* e, finalizando sua produção enquanto romancista, sob o pseudônimo de James Middleton, publicaria, em parceria com Jayme Victor, *Jack, o estripador* (1889), também em cinco volumes. Certamente bastante inovadora esta obra, uma vez que se trata da primeira apropriação artística e literária dos crimes ocorridos em Londres, no ano anterior.

Jayme Victor relembra esta passagem em um texto n’*O Occidente*:

Foi de Gervásio a ideia inicial. Jack o Estripador estava então em plena celebridade. Quem era esse famoso assassino de mulheres? Pode dizer-se que o mundo inteiro tinha esta pergunta nos lábios. E sucediam-se os *fiascos* da polícia de Londres!

“Não sabem quem é o Jack o Estripador? Pois sei-o eu e vou dizer à Inglaterra como é que se faz polícia”.

Comunicou-me a sua ideia. Era excelente. Jack o Estripador era uma mulher. Mas se nós o disséssemos quem o acreditava! Havia de dizê-lo, havia de divulgá-lo à Europa, um inglês *pur sang*, um inglês autêntico. Daí o motivo porque apareceu à frente desse outro nosso romance em 5 volumes o nome de James Middleton, tão autêntico que nunca existiu, tão inglês que era o nosso pseudônimo! O sucesso foi estrondoso. (VICTOR, 1895, p. 124)

Os leitores ávidos pelos títulos folhetinescos constituíam um público que se tornou, nas palavras de José Tengarrinha, “especialmente permeável aos relatos de aventuras ou de histórias de amor, como que buscando uma fuga emocional à estreita rotina do dia-a-dia” (TENGARRINHA, 1989, p. 218). Os novos romances-folhetins eram anunciados, nas páginas dos periódicos, com semanas de

antecedência. Diversas estratégias foram sendo desenvolvidas e aperfeiçoadas pela imprensa ao longo do século XIX. Normalmente, primeiro eram publicados em grande destaque na primeira página, o anúncio do título e do nome do autor. Nos números seguintes apareciam breves resumos do enredo proposto e da biografia do escritor, feitos de tal maneira, que objetivavam cativar novos assinantes e leitores assíduos da nova serialização. Por fim, eram publicados breves excertos do romance-folhetim, todos de efeito, que despertavam a curiosidade dos leitores.

Exemplar, nesse sentido, é um dos reclames do *Século* para o folhetim *O Grande Circo* de Gervásio:

Proximamente *O Século* começará a publicação de um magnífico romance português, intitulado *O Grande Circo*, escrito expressamente para *O Século* por Gervásio Lobato, o popularíssimo autor de tantas belas obras que têm encantado o nosso público no teatro e no livro. O romance não é uma obra de escola realista ou romântica, toda feita de observação psicológica ou de enredo complicado. É um trabalho que se destina a prender a atenção do leitor, por uma ação natural, dramática sem estapafúrdio, emaranhada, sem inverossimilhanças, com personagens copiados do natural, sem análise detalhada que mace, com paixões sem declamações melodramáticas. É um bocado de tudo, de análise, de paixão, de acção, de humorismo, de sátira, de filosofia social [...]. Tudo isto é muito, mas para a pena mágica de Gervásio Lobato não há dificuldades invencíveis, e podemos assegurar aos nossos leitores que *O Grande Circo* há de ombrear triunfantemente com os melhores romances dos autores populares franceses, estes mestres na arte difícil de escrever para o grande público. (*O Século*, n. 3809, 5 set. 1892)

Se por um lado o romance-folhetim promovia a notoriedade do escritor e lhe garantia um espaço cativo nas páginas dos jornais, por outro a escrita seriada exigia do autor método e disciplina. A escrita dia-a-dia procurava atender a vasta demanda de textos para os jornais. Era difícil um autor ter pronto, na gaveta, um romance completo e interessante à espera de publicação. O máximo que era exigido pelos diretores literários e pelos editores era o plano geral da obra. Os títulos precisavam ser atraentes o bastante para atizar a curiosidade do público, mas não deveriam chocá-lo. Era possível avaliar a receptividade dos textos junto aos leitores a medida que os números eram publicados e, por vezes, a sequên-

cia narrativa sofria alterações em função de novas exigências. Em diversos momentos, os escritores ficavam presos às linhas editoriais e não era incomum a encomenda específica de um determinado assunto. Sobre esse ponto discorreu Teófilo Braga:

Pelo nome dos editores se conhece muitas vezes a índole dos seus escritos; um F. Gomes da Fonseca exige livros religiosos; a empresa do Comércio do Porto só paga romances da mais paradisíaca honestidade; a Casa Moré propende para a preferência aos romances históricos; Chardron explora o escândalo, os livros de polêmica. Muitas vezes o escritor, apertado pela urgência de satisfazer a adiantamentos de dinheiro, forma volumes à tesoura, reunindo artigos espalhados por antigos jornais e revistas. (BRAGA, 1892, p. 241-242)

A competição entre os jornais era bastante acirrada: os títulos diários, com saídas matutinas, procuravam manter os assuntos mais leves e bem-humorados; os jornais vespertinos dedicavam-se, especialmente, a publicação de contos ou outras formas de narrativas breves; por fim, os jornais noturnos ampliavam o caráter chistoso dos textos e apostavam nos folhetins policiais e rocambolescos.

Gervásio Lobato escreveu para jornais matutinos, vespertinos e noturnos. Seu ofício de escritor era complementado ainda com outros proventos: foi segundo oficial da Secretaria do Reino e, durante a partir de 1885, integrou o corpo docente da escola dramática do Conservatório de Lisboa como professor de Declamação e da Arte de Representar. Gervásio faleceria no dia 26 de maio de 1895, aos quarenta e cinco anos, vítima de problemas cardíacos e renais.

Sua obra vasta e dispersa carece ainda de revisão crítica. Uma das principais acusações que lhe fizeram e fazem – inclusive nos necrológios – é a de que a quantidade preteriu a qualidade.

Realmente, seria uma tarefa hercúlea relacionar toda a sua produção. Apenas para *O Occidente*, periódico onde por quinze anos, entre 1880 e 1895, foi o redator literário, Gervásio escreveu 525 crônicas, mais de três centenas de outros textos como relatos de viagem, biografias, artigos políticos e literários, críticas teatrais, folhetins e contos. Diversos são os relatos que atestam o seu incansável trabalho de escritor:

Pode dizer-se que, durante vinte anos, tantos quantos medeiam entre o seu ingresso no *Diário da Manhã* e o seu desaparecimento na morte, a actividade literária de Gervásio jamais cessou. De dia e de noite escrevia. Quantas vezes a madrugada o surpreendeu à secretária trabalhando! Os artigos, as crônicas, os folhetins, os romances, as comédias, as farsas, sucediam-se – como se brotassem de uma nascente torrencial. A sua pena corria velozmente sobre o papel polvilhando-o de uma letra miúda e saltitante. (GUIMARÃES, 1948, p. 233-234)

Ou ainda:

E assim veio Gervásio Lobato pela vida fora, escrevendo às catadupas, trabalhando quase sem repouso, a pena de escritor como principal arrimo e a caneta amanuênsica à laia de muleta – a tradicional muleta de todos os plumitivos que têm a dita de nascer nestas paragens do globo. Carlos de Moura Cabral comenta com cintilante espírito, no *Figaro*: “[...] escreve a correr, a galope, a vapor, em casa, na redacção, na secretaria, no americano, quando come, quando se lava, quando se penteia (!), de noite, de dia, às claras, às escuras, de chambre, de casacão, de parra”. (FRIAS, 1947, não paginado)

Ainda no ano de 1884, o jornal *O Imparcial* de Coimbra realizou uma pesquisa com os seus leitores e assinantes: a intenção era relacionar os vinte e cinco nomes dos escritores portugueses mais representativos naquela época. Gervásio conquistou a 19ª colocação, posição significativa, uma vez que a pesquisa foi local e o autor concentrava a sua produção entre os jornais de Lisboa e do Porto. Américo Enes Monteiro escreveu que, “num estilo vincadamente satírico, Lobato escarpeliza os ridículos da sociedade de então, e as pessoas, os costumes e as instituições da época são retratadas com grande finura de traço e elegância literária” (MONTEIRO, 1997, p. 36-37).

Mesmo quando os assuntos eram mais sérios, o autor encontrava um meio de realizar uma abordagem bem-humorada e irônica. Figura no volume *A comédia de Lisboa* a crônica intitulada “Os mortos ilustres”. O tema gravita em torno dos necrológios escritos nos periódicos e o que era para ser um assunto propensamente cordato, torna-se, na pena gervasiana, um texto leve e divertido, ácido e preciso:

Quando um homem ilustre morre, os coveiros pegam na enxada, os *reporters* largam a pena com que já lhe tem aberto essa grande cova fatal, nos seus noticiários – o elogio fúnebre. Os escultores vem encher-lhe a cara de gesso, antes que o coveiro a encha de cal. Depois vem o enterro. É um ato de luxo, uma ocasião de festa. Todos querem prestar uma homenagem ao grande homem, contanto que os nomes venham nos jornais. É necessário que tudo seja luxuoso. Que importa que o morto valha muito se o enterro vale pouco? Aquilo não é uma homenagem ao falecido, é uma festa para os vivos. A viúva chora. Quantas lágrimas? Que é para se porem nos jornais. Está de luto? Quanto custou o vestido? Venha a conta da modista. E tudo vai assim: o morto desaparece ante os vivos; o elogio fúnebre não é para cantar as virtudes do morto, que dorme, é para mostrar de quantas imagens brilhantes dispõe a eloquência do vivo que fala. (LOBATO, 1911, p. 117-118)

No texto fica latente o duelo entre o que se sente de fato e o que se deve aparentar sentir. Para o escritor as máscaras sociais sobrepujam os sentimentos verdadeiros e destituem de sentido e valor o que é genuíno e sincero. A viúva que apenas chora quando se percebe observada, o jornalista que deixa o necrológio pronto em uma hora de ócio, já que o fim do enfermo era certo, as falas prontas e de efeito, vazias e incapazes de consolar, as preocupações tolas e superficiais com a impressão do enterro, enfim, nada escapa do olhar atento deste escritor.

Embora algumas matérias exigissem uma escrita mais judiciosa, Gervásio não perdia a oportunidade de construir uma reflexão, de elaborar uma crítica, de expor um julgamento. Sendo possível fazê-lo em pleno humorismo, melhor.

Apontamentos finais

Fazer humorismo ofendendo toda a gente é tudo que há de mais fácil; - o difícil, o difícilíssimo é fazê-lo sem ferir ninguém.

(LOBATO, 1893, não paginado)

Enquanto diversos autores destacaram-se enquanto folhetinistas criando romances trágicos ou fantasiosos, Gervásio cunhou o seu espaço com textos leves e bem-humorados. O riso foi sempre a sua melhor arma. Até mesmo enquanto crítico teatral, não descurou das observações espirituosas e dos ditos felizes. Entretanto, como foi mencionado anteriormente, o escritor permanece marginalizado pela crítica literária portuguesa, a despeito dos juízos valorosos feitos por grandes nomes das Letras.

O artigo procurou destacar a sua atuação enquanto jornalista e homem da imprensa, mas precisa ser esclarecido que foi a historiografia teatral portuguesa a grande responsável pelo tratamento crítico dado ao seu nome posteriormente.

O mais próximo que temos de um reconhecimento de sua obra no século XX foi a exposição organizada pela Câmara Municipal de Lisboa para comemorar o centenário de nascimento do escritor em 1950. No catálogo da exposição apareciam os dizeres que “é possível afoitamente assegurar-se que através do lápis de Rafael Bordalo e da pena de Gervásio Lobato perpassa toda a vida da Lisboa sua contemporânea” (CÂMARA, 1950, p. 5). Contudo, menos de vinte anos depois, em 1969, Luciana Stegagno Picchio consolidaria o discurso que seria repetido por todos os historiadores de teatro português que lhe seguiram: que Gervásio não passava de um Labiche em miniatura. Tal comparação apareceria nos textos de Duarte Ivo Cruz, José Oliveira Barata e, com menor desmerecimento, nos inúmeros livros de Luiz Francisco Rebello, que, a despeito de algumas das suas colocações, sempre inseriu o trabalho do escritor em suas coletâneas.

Esses autores estavam comprometidos, claro está, com as novas correntes estéticas que vigoraram em meados do século XX, representada em textos de Alves Redol, David Mourão-Ferreira, entre outros, tributários dos teatros experimentais e da temática do absurdo. Para uma estética vigorar é preciso, infalivelmente, diminuir a valoração da corrente precedente. Assim, o romantismo sobrepuja o neoclacismo, porém é destronado pelo realismo. O modernismo e as vanguardas varrem as estéticas oitocentistas e procuram, por meio da ideia de gênio criador, anular os movimentos históricos anteriores. Formados dentro deste ambiente intelectual, os historiadores do teatro português constroem uma linha narrativa que corrobore as suas intenções e impregnam as suas escolhas de exaltação ou omissão canônica com os valores estéticos que defendem.

Nesse processo de revisão e reescritura da história do teatro português, saíram perdendo os escritores da segunda metade do século XIX, entre eles Gervásio Lobato.

Encerraremos este artigo com um fragmento do profético folhetim da *Comédia de Lisboa*, intitulado “A sinceridade portuguesa”. Nele o escritor discorre sobre a inverdade da crítica jornalística, criticando os autores que louvavam obras vulgares como se fossem extraordinárias e os grandes títulos, como inexpressíveis.

Para nós, que vivemos neste oceano de mentira, neste contínuo baile de máscaras, é fácil avaliar a sinceridade portuguesa. Mas os vindouros, a geração de amanhã, a posteridade, que um dia há de julgar o nosso século, deve fatalmente ficar muito embaraçada, quando encontrar tão grandes homens e tão pequenas obras, tantos nomes célebres e tantos livros que o não são. Há uma coisa pior do que a falta de documentos para reconstruir uma época, é os documentos falsos. Quando daqui a séculos se quiser estudar a história de hoje encontrar-se-ão reputações de gigantes e obras de anões. O inverso também será verdadeiro. Quantos grandes homens não serão esquecidos, por julgamentos efêmeros posteriores? Nenhuma época será tão fértil como a nossa em celebridades, e tão pobre em obras célebres. (LOBATO, 1911, p. 50 et seq.)

E não foi Gervásio Lobato um desses autores esquecido paulatinamente pela crítica da literatura portuguesa, construída e consolidada no século imediato e ainda mantida e repetida pelo nosso?

É inconcebível que um autor desta envergadura não possua uma fortuna crítica apropriada. Infelizmente, este artigo não pôde fazer mais do que traçar, de forma panorâmica, a sua biobibliografia, arrolando o estreito vínculo entre a sua produção de romancista e dramaturgo ao seu ofício de escritor jornalístico. Faz-se necessário um resgate cuidadoso, é preciso, pois, redescobrir a obra gervasiana em toda a sua variedade e nuances, em toda a sua beleza e humorismo, em toda a sua dramaticidade e precisão.

Referências

- BRAGA, Teófilo. *As modernas ideias na literatura portuguesa*. Vol. I. Porto: Chardron, 1892.
- CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA. *Exposição comemorativa do primeiro centenário do nascimento de Gervásio Lobato*. Lisboa: Museu de Rafael Bordalo Pinheiro, 1950.
- CHAGAS, Manuel Pinheiro. Prólogo. In LOBATO, Gervásio. *A comédia de Lisboa*. 2 ed. Porto: Chardron, 1911, p. V-XXV.
- PROMOCLUBE. *Cinco autores, uma época*: Raul Brandão, Gomes de Amorim, Teixeira de Queirós, Gervásio Lobato, Alberto Pimentel. Lisboa: Promoclube, s/d. [1982?].
- QUEIROZ, José Maria Eça de. *Da colaboração no Distrito de Évora*. Vol. I. Lisboa: Livros do Brasil, ca. 1950.
- QUEIROZ, José Maria Eça de. *A ilustre casa de Ramires*. Obras de Eça de Queiroz - vol. I. Porto: Lello & Irmão, 1979a.
- QUEIROZ, José Maria Eça de. *Ecoss de Paris*. Obras de Eça de Queiroz - vol. II. Porto: Lello & Irmão, 1979b.
- QUEIROZ, José Maria Eça de. *A Capital!* (começos duma carreira). Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1992.
- FRIAS, César. Prefácio. In Gervásio LOBATO. *Lisboa em camisa*. 13 ed. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1947.
- GUIMARÃES, Luís de Oliveira. Gervásio Lobato. In SIMÕES, João Gaspar (Dir.). *Perspectiva da literatura portuguesa do século XIX*. Lisboa: Ática, 1948, p. 227-236.
- LOBATO, Gervásio. Prefácio. In REBOLLO, João Augusto Caldeira. *Retratos humorísticos*. Portalegre: Tipografia Sanches, 1893.
- LOBATO, Gervásio. *Os mistérios do Porto*. Lisboa: Empresa Literária, 1890-1891. (5 v.)
- LOBATO, Gervásio. *Lisboa em camisa*. 3 ed. Lisboa: António Maria Pereira, 1898.
- LOBATO, Gervásio. *A comédia de Lisboa*. Porto: Chardron, 1911.
- LOBATO, Gervásio. *A comédia do Theatro*. 3 ed. Lisboa: António Maria Pereira, 1918.
- LOBATO, Gervásio. *A primeira confessada*. Lisboa: Portugália, 1918.
- LOBATO, Gervásio. *O Grande Circo*. 3 ed. Lisboa: António Maria Pereira, 1922.
- LOBATO, Gervásio.; VICTOR, Jayme. *Os invisíveis de Lisboa*. Lisboa: David Corazzi, 1887. (6 v.)
- LOBATO, Gervásio.; VICTOR, Jayme. *Jack, o estripador*: grande romance da atualidade. Lisboa: Companhia Nacional, 1889. (5 v.)
- MONTEIRO, Américo Enes. *A recepção da obra de Friedrich Nietzsche na vida intelectual portuguesa (1892 -1939)*. Tese (Doutorado em Cultura Alemã) - Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 1997.
- O OCCIDENTE*: revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Lisboa, 1877-1915.

- PEIXINHO, Ana Teresa. *Cânone realista e discurso de imprensa*. In LOURENÇO, António Apolinário; SANTANA, Maria Helena; SIMÕES, Maria João (Coord.). *O século do romance: realismo e naturalismo na ficção oitocentista*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa, 2013.
- RAMOS, Rui. *A nação intelectual*. In MATTOSO, José (Org.). *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994. v. VI, p. 43-67.
- SIMÕES, João Gaspar (Dir.). *Perspectiva da literatura portuguesa do século XIX*. Lisboa: Ática, 1948. v. 2.
- TENGARRINHA, José. *História da imprensa periódica portuguesa*. 2 ed. Lisboa: Caminho, 1989.